



O conselheiro Antonio José Viale



Nultima semana, des-  
povoou-se Lisboa, da mo-  
cidade dourada. A rainha  
do Tejo cedeu á rainha  
do Manzanares, os ama-  
dores ferrenhos da tauro-  
machia—uma bella e bri-  
lhante arte, como nenhu-  
ma outra, capaz de erguer  
um homem perante o  
olhar d'uma mulher—pe-  
la exposição de dois gran-  
des dotes—a elegancia e  
a coragem!

Eu cedo á sociedade  
protectora dos animaes o  
direito de clamar contra  
a farpa que entra no ca-  
chaço d'um touro! Mas  
ella ha de conceder-me

que me enthusiasme perante um cambio e o manejo d'um cavallo, sem pensar na crueldade d'um par de ferros, como me concederá decerto que eu saboreie o meio bilfe ou o frangão com ervilhas sem me lembrar da faca do matadouro, ou da sopeira a apertar entre os joelhos o fillo da galinha, a torcer-lhe o pescoço como quem torce um panno molhado, para deslocar a vertebra onde metta o facalhão da cosinha.

Mas, despovoou-se Lisboa para ir para Madrid vér a figura que por lá fazem os nossos patricios, carregando com os olhares de centenas de hespanholas, deante das espadas de Frascuelo e de Lagartijo.

Sabe se pelas noticias ultimas, que se não foi uma figura de deixar combasbacados *mañolas* e *majas*, foi todavia brilhante a não fazer esmorecer a fama que gozam em Madrid, os generos portuguezes, quer como homens, quer como touros, (sem malicia).

O «Criminoso» sobre todos—Criminoso era o nome do 4.º touro portuguez—logo que entrou, dispertou o enthusiasmo geral.

Era um touro elegante, pequeno, de boas hastes, um touro fino, proprio para uma corrida em casa alheia, distincto

como um gentleman e furioso como elle proprio.

A um chronista hespanhol, segundo elle conta, tremeram-lhe as barrigas das pernas! Já é. O que o chronista não diz é se foi com gana de fugir, ao parecer-lhe já sentir na barriga as pernas do bicho.

A's damas tre meu-lhe o coração, dentro dos espartilhos; aos portuguezes sentados pela barre-

ra, subiu-lhes ao rosto o sangue dos grands enthusiasmos e, enquanto o touro media com o olhar com que o mestre de Aviz desafiára os castelhanos em Aljubarrota, os cavallecos tremulos, elles segredavam intimamente, cheios do sagrado fogo da lucta—S. Jorge e avante!

Assim foi; o «Criminoso» estripou alguns cavallos, fez render uma ovação ao sr. Palha Blanco, e ao cahir inanimado sob o ferro de Frascuelo, ouviram-se labios femininos, articular cheios de magua: —«saleroso, bendito sea tu padre!»



Tem alguma coisa de épica a morte d'um touro.

Nas «Viagens em Hespanha Gauthier» conta a — sorte de morte — como o mais extraordinario espectáculo, cheio d'uma grandeza heroica, magestoso, absorvente.

Morte de heroe, afinal, em plena lucta, na defeza da vida, entre os hurrahs dos espectadores, as victimas estripadas, o brilho estonteador das capas, o agitar febril dos leques e o brouah confuso da multidão que se agita, que se impressiona, que segreda recteios, duvidas, protestos!

Quantas ancias, ao sentir se desfallecer, quantos ácumes de raiva suprema, quantos esforços desesperados, quantas allucinações, até sentir-se afinal postrado, vencido, allucinado ante um farrapo encarnado, que lhe prepara o ultimo arranco!

Ha nomes de homens nas paginas da historia heroica, com menos titulos do que tu, ó «Criminoso», ó patricio a quem foi Deus servido levar da vida presente, na tarde de 28 passada, na praça de Madrid.

A terra hespanhola te seja leve!



A novidade litteraria da semana, foi a recitação do *Bezerro d'Ouro*, do sr. Santa Ritta, no salão do theatro da Trindade. Não nos foi possível assistir á leitura do drama e ainda menos possível nos é agora fazer uma idéa approximada do valôr da peça. O «Globo» chama-lhe um drama de primeira ordem; o «Correia da Manhã», troça-o redondamente.

Vão lá ser juizes com semelhantes mordomos. O auctôr tem até certo ponto culpa de se ter prestado com o nome do drama á «charge» graciosa e caustica do «Correio da Manhã»

Devia lembrar-se que, pelo nosso temperamento meridional, como bons bordas-d'agua, em apanhando um bezerro em publico o nosso maior prazer é metter-lhe um par de ferros. Foi o que lhe succedeu.



Vae sahindo a esta hora da egreja de S. Domingos a procição da saude. O dia está excepcionalmente bello. A população movediça que se desloca a cada festa, a cada parada official, invade as ruas, peja os passeios, assalta as escadarias e rampas e gosa o desfilar do cortejo n'uma embriaguez de alegria, de sol, e de poeira que faz inveja.

Faz-me pensar, no entanto, como é que sendo esta procição destinada a consolidar a harmonia da saude com os nossos corpos, a ser um elemento prophylatico de futuras epidemias, entrem n'ellas as figuras venerandas dos Santos e sejam excluidos os bustos respeitaveis dos medicos!

Parece que deve concluir-se, que a Medecina e a Saude fogem uma da outra, como o demonio da Cruz.

Emendemos nós um pouco a critica amarga da tradição e para o anno mettamos n'um andôr a Junta de Saude ainda que ella pareça ter os ouvidos tão surdos como a junta celeste.

E deve fazer uma linda figura!



Assentaram-se pois coisas graves e sérias no congresso juridico, findo.

Ficamos á espera dos resultados e agradecemos aos nossos visinhos a amabilidade com que se prestaram a concorrer para endireitar a espinhella d'este corcovado paiz.

Temos a consciencia de que os tratámos bem. Demos-lhe de lanchar todos os dias, levámo-los a passeiar pelo Tejo de crystal, e despedimo-nos por lhes offerecer um jantar de duzentos talheres, no templo da harmonia e do sr. Valdez. O sr. ministro da justiça mimoseou-os com um sarau espartano e a imprensa fez justiça ao talento de muitos e ao cavalheirismo de todos.

E' assim, caros visinhos, que recebemos.



Em compensação permiti-nos uma queixa. Fomos a Madrid no domingo passado e regalámo-nos de comer biffes e ovos e galinha e carneiro e vacca (sem risc) e peixe de toda a especie, e carne de todo o genero de animal, com azeite e banha de porco, com banha de porco e azeite! Depois fizeram-nos ainda a graça de nos alliviar dos bilhetes para a touzada, que traziamos no bolso, obrigando-nos á bizzaria bem escusada, de comprar-mos duas vezes o nosso logar na praça.

E muitas outras perrices que só de viva voz vos poderiamos contar, amigos, do que resultou grande magua para os nossos corações, como para as nossas bolsas!

De tudo isto vos pedimos sejais interpretes perante os vossos irmãos de Madrid, expondo-lhes a sua benevolencia para de futuro. Aliás não voltaremos a Madrid, senão como congressistas!

A Hespanha não perderá muito com isso; mas entristecem os olhos das vossas patricias que nos fitam... caramba!...

Boa viagem.





TRILHA O'MACHADO



UM CRITICO



A TORREDO



Criminoso, o heroe da tarde, morto por frascuelo.



A corrida de Madrid arrastou-nos á capital do reino vizinho. A  
ainda senão prestar a devida attenção aos actos dos portuguezes, se  
D'aqui resulta que a apparente impropriedade da nossa pagina  
dilettantismo tauromachico de Madrid, em cujo seio o nome portug  
panhol — a marrada.  
reproduzindo alguns «croquis» da notavel toirada, não faz  
caso, os portuguezes em questio sejam os toiros.  
porque ella representa uma impressio, ainda que passageira, no  
a ser respaldado por um attributo até hoje desconhecido do hes-



a natureza, como lutando com um receio secreto, prepara lentamente a sua toilette de noiva para os grandes concertos de maio.

Punge-nos a saudade das manhãs lavadas pelo ar fresco, córadas por um sol brando, cheias de cantos d'aves, murmuras de regatos e quedas d'agua.

A cidade entristece e cança envolta em choviscos de agua escura, os passeios cheios de lama, a vegetação medrosa dos squares desertos, o ar aborrecido e melancólico dos peões cançados, as toilettes indecizas, sem tom, sem character, das mulheres.

Lembra-nos o campo, que é sempre bello, sempre diferente, sempre grande para o olhar do artista.

Entrou comigo a nostalgia dos largos horisontes, dos fortes banhos de ar frio e fresco, e fui-me por ahi fóra, na madrugada de hontem. Atravessi as lezírias inundadas de luz, brilhantes de hervagens orvalhadas, malhadas pelos rebanhos, pelas récaos de cavallos, pelas manadas dos touros, pastando ao longo dos combrros.

O Pedro esperava-me ao portão, rodeado dos perdigueiros brincalhões, com aquelle ar placido e superior do homem que depois de gastar uma fortuna a acompanhar embaixadores pela Europa, se sentiu invadir do aborrecimento do mundo e vive ha doze annos, só, com os seus livros e jornaes, a caçadeira, a rêde da pesca, no velho palacio da quinta, iron-

teiro ao rio, a meio da encosta, escondido pelos carvalheiros seculares, enlaçado de heras e de trepadeiras floridas. Abraçá-mos largamente, como dois corações que se entendem.

Como é alegre o grande pateo! e como canta dentro do marmore do tanque o jorro limpido da agua que repucha da bôcca escancarada do satyro, por sob um velho escudo carcomido d'um antigo cavalleiro de Malta.

Almoçámos. Que fresca a manteiga e o leite! que deliciosa a fructa e o vinho, córado ligeiramente, como um ambar desfeito!

Cavalgámos. O sol batia montes e planicies n'uma orgia de luz; cantavam alegremente as azenhas e a passarada nos galhos novamente vestidos das acacias e das amendoieiras floridas. Debruçavam-se pelos muros das herdades os cachos de lilazes brancos, perfumando a estrada, e ouvia-se o cantar das raparigas, nas encostas, projectando sob os cachos mimosos das videiras nuvens douradas de enxofre.

Um verde tenro tapetava os longos quadrilateros das chãs: evolava-se de toda a parte, do chão e dos pizos, das folhagens novas, dos espelentos acúdes, uma vida nova, cheia de sugestões alegres, de cantares, de risos.

E Lisboa apparecia então, lamacenta. Com a mesma fila de mulheres, passando á mesma hora, pelos mesmos passeios, somnolentemente, os mesmos janotas, os mesmos pregões.

Ecompreendi bem mais uma vez como um homem se encerra, aos trinta annos, já cançado, n'aquelle meio placido, n'uma vida voluptuosamente espiritual, no seio da amante sempre boa — a natureza.

A' noite, ao aprear-me no caes os primeiros per-



fumes das ruas lembravam-me que estava n'uma cidade civilisada, distincta, e que o meu pobre amigo, deixava — o philosopho — que lhe branqueiassem de todo, n'aquelle choça selvagem, os ultimos cabellos da sua barba á Guise.

E como não tinha chronica escrevi o meu passeio.

MENDO.



### Antonio José Viale

O conselheiro Antonio José Viale tem o lugar na *Comedia Portuguesa*, que compete a todos os grandes trabalhadores, aos honestos, aos homens de valor e aos homens d'honra. Foi um professor eminente do curso superior de letras, conhecedor profundo das litteraturas grega e latina de que deixou correctissimas versões e em cujos idiomas compoz apreciaveis trabalhos originaes.

A's suas grandes qualidades de espirito deveu o ser eleito professor dos filhos de D. Maria II. D. Pedro V, distinguia o muito intimamente, como El-Rei o sr. D. Luiz.

Era um classico ferrenho.

De todos os defeitos, aliás justificados pela sua idade, com que o malsinaram criticos e sabios, o grande mestre revelou sempre uma qualidade:—sabia por todos elles, os criticos.

Homem grave, serio, de honra impolucta, merece a saudade respeitosa de todos os espiritos bons, como pelo saber mereceu sempre a consideração dos mestres.

Descance em paz.



Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

**Milagres.**—E' o titulo de uma cançoneta, original do sr. D. José da Camara Manuel, e que foi recitada pelo actor Valle no theatro do Gymnasio. Esta cançoneta é uma chistosa critica de varios typos e acontecimentos hodiernos. A edição é de luxo e a capa é illustrada por Julião Machado

**A Semana Litteraria.**—Publicado o n.º 3, com artigos de Alberto Pimentel, João Diniz, Luiz Serra e Salles Lisboa.

**A Illustração.**—A proximidade do dia em que tem de se realizar a abertura da Exposição em Paris, é um facto de maximo interesse para a humanidade inteira. e thema para enriquecer e tornar variadissimos os assumptos; pois *A Illustração* traz em o n.º 8 bellissimas gravuras allusivas áquelle caso e excellentes artigos, noticias, informações varias, tudo redigido de fórma a despertar o interesse dos seus leitores.

### Grande concerto musical

A «Real Academia de Amadôres de Musica» offerceu o seu magnifico salão para ahi se realizar na proxima quarta-feira, 8 do corrente, um grande concerto vocal e instrumental, promovido pelo sr. Julio Caggiani, distincto professor de rebecca e solista do theatro de S. Carlos.

N'este concerto tomam parte, além do beneficiado, o sr. Thomaz del Negro, o sexteto Quilez, e ainda outros artistas de reputação. Estreia-se tambem a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Virginia Caggiani de Medeiros e Albuquerque, irmã do beneficiado, que é uma distincta pianista amadora e possui uma bella voz de contralto.

Esta festa, que promete ser brilhante, principia ás 8 1/2 horas da noite.



**Grande exposição japoneza.**—Abriu ha dias em uma das salas do *Commercio de Portugal*, aqui ao nosso lado, paredes-meias, uma grande exposição de objectos de arte, de origem genuinamente japoneza, além de outros de origens varias mas por igual dignos de especial attenção.

E devemos dizer que se esta exposição é deverás attraente pelo bom gosto e variedade dos artefactos, não o é menos pela excepcional barateza de preços por que elles são vendidos, tendo além d'isso um lado extremamente sympathico, que é o de reverter uma percentagem da venda em beneficio do mealheiro das viuvas e orfãos das victimas do trabalho.



### Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que já estão nas estações do correio das suas localidades, ou das mais proximas, os recibos das suas assignaturas, relativos ao 2.º semestre uns, e outros ao 3.º trimestre do primeiro anno da — *Comedia Portuguesa*.

Pedimo-lhes portanto o favor da brevidade no respectivo pagamento, não só para a boa regularidade do nosso expediente administrativo, como para que não soffram interrupção na remessa do jornal.



(Das canções do Mondego)

I

*Egreja de Santa Cruz  
toda de pedra morena,  
dentro de ti ouvem missa  
dois olhos, que me dão pena  
(Canc. pop. de Coimbra)*

ão te recordas, Maria,  
d'aquelle primeiro dia  
dos dias do nosso amor?  
Nunca eu vira tanta luz  
um templo enchendo, criança,  
teus olhos-pharoes d'esperança  
inundavam de fulgôr  
*A igreja de Santa Cruz!*

Nunca meus labios rezaram  
e como então imploraram  
esse Deus, que a todos cobre.  
Talvez não creias, pequena,  
mas, por mal da minha vida,  
puz-me a sonhar que era erguida  
a ti essa igreja nobre  
*toda de pedra morena.*

Na noite do meu destino  
eu vira, templo divino,  
do santo sacrario teu  
apagar-se a luz mortiza  
ante esses olhos sem par,  
mas tão humildes no olhar  
que, sendo estrellas do ceu,  
*dentro de ti ouvem missa.*

Mas é louco pensamento  
sonhar por um só momento  
que as estrellas nos entendem  
lá da vastidão serena!  
Assim tambem, que loucura  
viver só da desventura  
d'este amor, com que me prendem  
*dois olhos que me dão pena.*

Coimbra, 85.

*Glosses*

SILVA GAYO.

# CINIRA POLONIO

Damos hoje o retrato de Cinira Polonio, a gentil cantora brasileira cujos excepcionaes do-tes artisticos teem captivado n'esta época os *habitués* do theatro da Trindade. Em vespersas da sua festa artistica, que deve realizar-se no proximo dia 14 do corrente, com a deliciosa operê-ta d'Offenbach—*Périchole*—a *Comedia Portuguesa* presta n'este logar a homenagem que é de-vida ao talento da sympathica artista.

ANTONIO C. VALDEZ



Acaba de fallecer em Paris, Campos Valdez, emprezario do theatro de S. Carlos e deputado ás côrtes. E' pelo primeiro titulo sobretudo que tem logar na *Comedia Portuguesa* o fallecido. A arte lyrica deve-lhe o terem-se ouvido entre nós verdadeiras celebridades como a Patti, Sembrich, Devriés, Schalchi-Lolli, Masini, Emma Nevada, Van-Zandt, Chaumont e Dupuis. Era homem de fino trato e extremamente bondoso.

Canções



Reina, entre nós, a febre de Paris.

Não ha ninguem que lá não vá: uns de verdade, outros com desejo, outros por imaginação. Elles todos estão convencidos de que vão, uns porque é distincto ir, outros porque ardem no desejo de nos narrar, na volta, dando-se ares de quem pizou desassombadamente o «boulevard dos Italianos», de quem ceiou no Bignon com M.elle «Qualquer Coisa», uma das mais gentis estrelas de Saint Germain.

O que é certo é que as mulheres andam apprehensivas com as resoluções dos maridos, e as namoradas tristonhas ao lembrar-se de que—Elle—irá, sósinho, internar-se n'aquella Babylonia, onde os corações se pegam como os pintasilgos na vara enricada e onde os bolsos se despejam como saccoes róticos.

E teem razão. Não anda uma pobre menina a amar um pacote amanuense por longos annos, a offerecer-lhe carteiras bordadas a missanga por suas proprias mãos, para de repente vêr desaparecer o amor d'aquelle homem atraz d'uma pílula revolta de cabellos louros, deante de uma cerveja da pipa, n'uma «brasserie» afamada do Bairro Latino, por exemplo.

Não está uma pobre senhora a aturar todos os dias, hora a hora, o melhor seu marido, a pregar-lhe os botões das luvas e o alfinete da manta, a interessar-se-lhe por todas as necessidades da vida, desde o bife do almoço, até ao pão doce torrado do chá, a ter o cuidado de lhe cobrir os braços de noite se elle sonha e barafusta inquieto, para sem mais nem mais, elle um bello dia resolver-se a ir a Paris, e adivinhal-o, á noite, na grande cidade, deante d'uma delambida, a fazer-lhe festinhas no queixo, a derreter-se: *ma chere petite chate! ma mignone!* Não se pode tolerar, a sangue frio.

O que ha a lamentar n'esta corrente de fugitivos, não é o dinheiro que gastam é a falta que por cá fazem.

E' a emigração do amor. Ora uma senhora portugueza, pode passar sem uma tina de banho, ou sem uma escova de dentes, mas lá sem amor, não pode ser. Aos oito annos, já escrevem no collegio aos primos ou aos meninos que andam

com ellas; aos doze annos teem já uma ou duas paixões de entisicar; aos vinte, se não tem tres sujeitos, pelo menos, no rastro, pensam-se condemnadas á eterna viuvez e sonham com o convento frio, ou com a caixa salvadora dos phosphoros nacionaes!

D aqui prevê-se grande panico.

Anda ahí a mania dos suicídios.

Uma epidemia mais respeitavel do que a dos typhos. Calculem o que será d'aqui a um mez, quando os primeiros corajosos tiverem entrado resolutamente no wagon libertador, deixando atraz de si, a anciedade da partida, a incerteza da volta, a desconfiança da força moral do José do Egypto.

E' fugir das ruas onde haja quartos andares e onde o gargarejo reina ainda, candido e honrado, como nos bons tempos dos nossos avós, que Deus haja.



Falla-se para ahí em medidas repressivas para a emigração das provincias. Que nos deixam os mais validos homens, que nos faltam braços. D'accordo. Exige-se o passaporte; que esteja livre do sorteo; que seja maior, etc. Pois bem, exija-se a emigrante para Paris, a certidão de que é maior, de que está livre de namoro ou coisa que o valha, de que não deixa ao desamparo a esposa ou coisa parecida!

Se assim fôr, que parta. Um coração fechado é uma simples bomba cuja mechanica pode interessar aos medicos, mas que é inutil na vida affectiva das populações. Um coração aberto, mais devagar: é uma estação deliciosa onde repousam almas; chega a ser uma hospedaria, é verdade; mas ainda assim, é um ponto de abrigo ás pessoas que passam. Sempre podem abrigar-se da chuva, sentar-se um bocadinho e tomar alguma coisa. Ora, na grande viagem da terra, n'este comboio massador da vida, cinco minutos de espera sabem ás vezes que nem nozes, permitam-me a expressão popular





V. ex.<sup>ma</sup> não tem razão, minhas senhoras.

Conheci um juiz que mandou dois filhos viajar pela Europa, sós, quando tinham um 16 e outro 18 annos.

Explicava elle: se forem bons, voltam, com esta grande licção, ainda melhores; se forem maus, revellam-se já e eu não perco o tempo em mais licções.

Voltaram magníficos.

Tal se dará com v. ex.<sup>ma</sup> Coração fiel: voltará novamente a abrigar-se sob as azas brancas do vosso amor; coração vadio: que fique por lá; mais vale de uma vez um bom desengano, e homens graças a Deus nunca faltam.

A unica coisa que me espanta, é como o governo ainda não se lembrou d'esta questão. Porque afinal é uma questão de que a familia portugueza pode ressentir-se e que leva de Portugal grandes sommas.

E' uma questão de moralidade e de economia!

E para estas coisas é que o governo actual subiu ao poder — diz o programma!



### A RÉCITA DOS JORNALISTAS

Realizou-se hontem, a récita promovida, com um fim caridoso, por uma commissão de jornalistas, no theatro de D. Maria II.

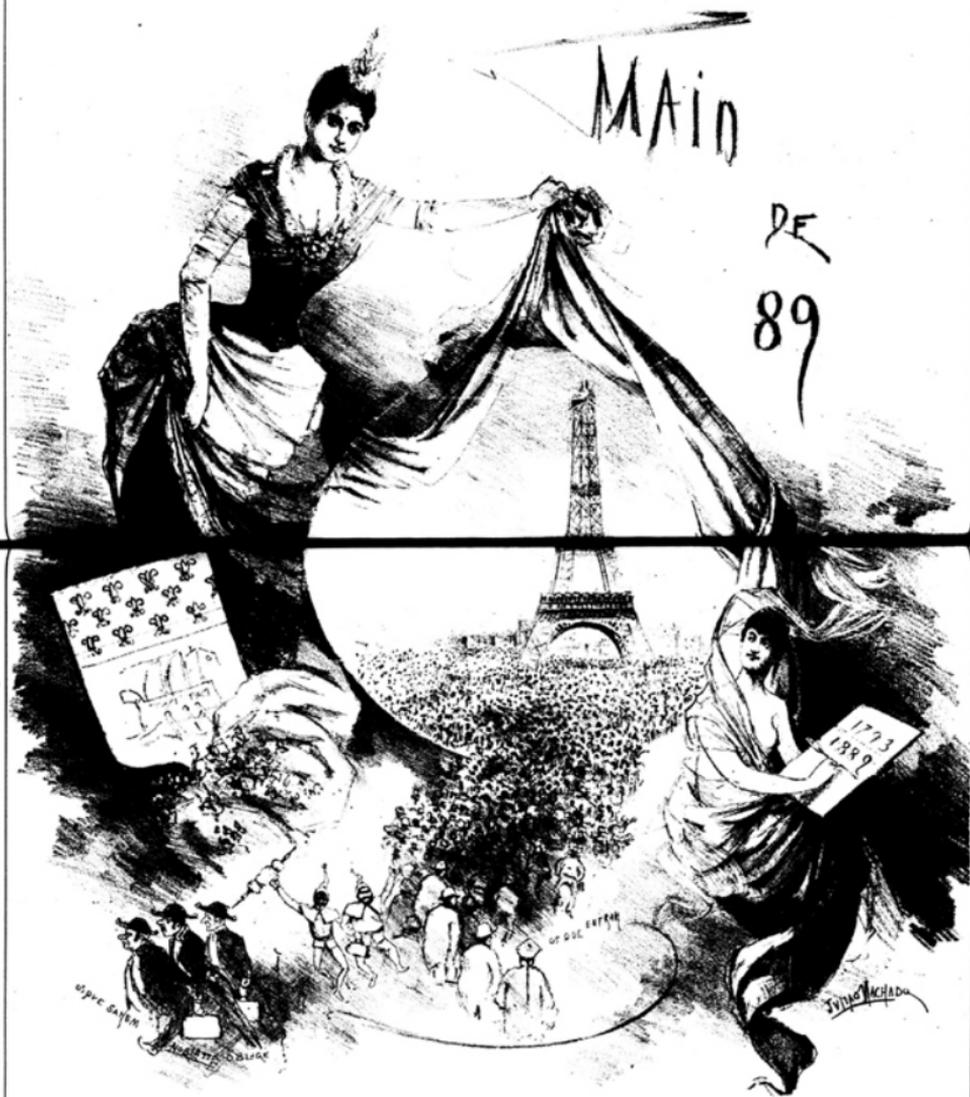
Representou-se a *Fédora* e nos intervallos cantaram como verdadeiros artistas a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Judice da Costa, e os ex.<sup>mos</sup> srs. D. José d'Almeida, D. Francisco de Sousa Coutinho, João Affonso e Mendes d'Almeida.

Não é nosso intuito fazer a critica do modo brilhante porque se houveram os distinctos amadores, cujos retratos publicamos, mas prestar a homenagem ao talento que alliado á bondade secunda as acções generosas.

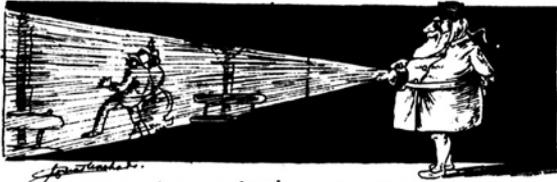
A arte do canto atravessa, entre nós, um periodo verdadeiramente esperançoso de futuras victorias, e entre os amadores figuram, como os mais distinctos, aquelles que honraram a récita dos jornalistas, com a brilhante exhibição dos seus talentos.

Não nos foi possivel alcançar o retrato do sr. Mendes d'Almeida, por isso, do que pedimos desculpa, elle deixa de figurar ao lado dos seus collegas onde tinha merecidamente o seu lugar.

## A Exposição de Paris



A abertura da exposição de Paris é hoje um facto conhecido de todo o mundo. Todas as malquerenças, todos os despeitos e más vontades não conseguiram minorar n'um ligeiro grau, a grandez d'aquelle concurso gigante das forças vivas da terra. A guerra que se lhe moveu é incomprehensivel n'este seculo, incomprehensivel e ridiculo. Por entre o tremular das bandeiras de todas as nacionalidades, fluctua, a esta hora, a bandeira das quinas. O que nos pungiu é que ella figure modestamente, sobre os espcimentos pouco gloriosos da nossa industria e da nossa arte, e não se desfalece soberbamente, valorosamente orgulhosa e altiva, como out'ora nas prças dos galées ou nas fortalezas d'alem mar! O que nos revolta é que ella não apresente as manchas e rugões das bolas que a atravessaram em combates homericos, mas as manchas da lama, onde a arrastam os filhos aporrios de successivas gerações de heroes. Todavia que fluctus assim mema; pode servir d'exemplo e sempre lembra á França que o paiz rescatado em promessas pelo seu maior general, é ainda hoje independente e livre!



A camara dos pares do reino vae constituir-se em tribunal de justiça, no intervalo da sessão, para julgar o sr. conde da Gouveia, accusado de homicidio involuntario, na pessoa de João Simões.

Ora quem matou o João Simões foi um comboio, da linha da Beira Alta. D'onde se conclue que o sr. conde de Gouveia é nem mais nem menos um comboio da Beira Alta, com assento na camara do mesmo titulo.

Viajar dentro d'um par do reino!

Julio Verne tinha aqui o assumpto para uma viagem maravilhosa. Que os nossos pares do reino serviam muita vez para conduzir a porto de salvamento muitas mercadorias avariadas já nós sabiamos; agora que trabalhavam em rails, que fumavam, tinham apito e conduziam passageiros no seu interior... caso é este que em extremo nos maravilhou e comoveu!

Que terrivel sentença pende a esta hora sobre a cabeça do nobre conde! Um assassino e de mais a mais disfarçado em comboio da Beira! Brr...



N'uma récita do theatro do Gymnasio, dada por amadores, distinguiu-se Carlos d'Almeida, fazendo uma scena comica — *Que bom charuto* — sem dizer uma palavra. O trabalho phisionomico substituiu brilhantemente a palavra e o mudo conversador foi muito applaudido.

Ora aqui está um homem que é quanto a mim o ideal para um deputado, sendo a anthithese flagrante d'este.



Diz um collega :

«Foi hontem feita autopsia ao cadaver de Augusta Maria, moradora que foi no Largo do Trigueiros, n.º 2, loja, e que no dia 4 tomou uma poção venenosa.

«As visceras foram metidas em 2 frascos e remettidas a juizo para se proceder á analyse chimica. Os peritos declararam que as lesões apresentadas, levavam a supôr, que tinha havido envenenamento.»

Ora esta!

Outro collega escreve

Guerra Junqueiro, o primeiro poeta da Peninsula. parté brevemente para Vizella, onde conta terminar o seu novo poema *Prometheu*.

De que peninsula?

Será bom precisar. Elle ha tantas!

Tambem elle «prometteu» matar o Jehovah e elle está vivo que é um regalo.

A propósito, se o vir lá pelas Caldas afine-lhe!



O *Diario Illustrado* publicou um lindo conto, em 25 linhas, de que destacamos este pedacinho delicioso:

«Ao chegar a uma ribanceira coberta de pedras e proxima de um despenhadeiro medonho, o nosso homem hesitou na descida, porque era difficil e perigosa; porém quando lebrigou lá em baixo *vestigios de uma ovelha*...»



O sr. Carlos d'Almeida não abre a bocca e diz tudo; um deputado portuguez falla pelos cotovellos e não diz nada! Vou pelo sr. Carlos.



Os operarios do Porto, despedidos pelos patrões, acharam no seio do governo a protecção que é justo dispensar aos desherdados e desprotegidos da fortuna.

Como se sabe, foi este o processo de lueta adoptado pelos

negociantes de vinhos do Porto, para se opporem ao contracto do governo com a companhia do norte.

O governo resolve a questão mandando pagar aos operarios. Resta agora saber porque razão havemos nós de pagar aos creados despedidos das cazas dos patrões.

Se as sopeiras da capital descobrem que lhes basta o facto de serem despedidas, para poderem flunar pelos «squares» de fardalhorio ao lado, e recebendo os cinco mil réis de protecção, ahí vamos ter uma crise domestica, provocada por mais um d'estes rasgos épicos dos nossos governantes!

Esta maneira de resolver crises, faz lembrar um sujeito, que corta o pé para se livrar dos callos. Que comedia!



A celebre concertista de violino, Giulietta Dionesi, que ha pouco voltou do Porto e das principaes cidades do Norte, onde obteve mercedas ovações, resolveu dar um concerto de despedida, em seu beneficio, nas salas da «Academia Muscal de Lisboa», na rua nova do Carmo 21, na noite do proximo sabbado 17 do corrente. E' de esperar uma enorme concorrência a applaudir a interessante e eximia artista.



**Estudo de uma Santa.**—Assim se intitula um pequeno romance original, de Affonso Vargas, um escriptor de mérito incontestavel, que tem já affirmado os seus bons creditos em muitas publicações litterarias. O novo trabalho de Affonso Vargas, que acabamos de ler com o interesse que merecem os bons livros, é realmente um estudo consciencioso, revelador de profunda observação e descripto em estylo primoroso. O seu enredo é simples, mas verosimil. Os caracteres estão bem desenhados e as situações teem um grande relêvo artistico.

Felicitando Affonso Vargas por este seu novo trabalho litterario, agradecemos o voluminho com que nos brindou.

**A Mãe Língua.**—Appareceu afinal o 1.º numero d'esta esplendida revista semanal, redigida pelo brilhante estylista Bel-demonio, pseudonimo de Barros Lobo. Contém este numero uma *profissão de fé*, já publicada no n.º prespecto e que aqui transcrevemos, e mais uns deliciosos artigos criticos de fina graça e caustica mordacidade.

Saudamos a reaparição do talentoso escriptor nas pugnas litterarias, e desejamos longas prosperidades á sua nova publicação, a qual recommendamos com interesse a todos os nossos leitores.

**Historia do Céreo do Porto.**—Dentro de poucos dias deve começar a distribuição do 1.º fasciculo d'esta interessante publicação, editada por Leite Guimarães, do Porto. E' uma nova edição da obra de Simão José da Luz Soriano, melhora-da e revista pelo auctor, com o retrato e biographia do mesmo, e acompanhada de preciosas gravuras. Todos quantos se interessarem pelos assumptos historicos do nosso paiz devem assignar esta publicação, cujo agente em Lisboa é o sr. Gonzaga Gomes—Rua do Norte, 39 1.º



Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que já estão nas estações do correio das suas localidades, ou das mais proximas, os recibos das suas assignaturas, relativos ao 2.º semestre uns, e outros ao 3.º trimestre do primeiro anno da — Comedia Portuguesa.

Pedimo-lhes portanto o favor da brevidade no respectivo pagamento, não só para a boa regularidade do nosso expediente administrativo, como para que não soffram interrupção na remessa do jornal.



### CARTA A UM TRÁHIDO

(Historia recente)

Ontem — que dia aquelle! a mão da sorte, hedionda,  
 Atirou-se á tua alma e deixou-t'á redonda!  
 Tu viste desfolhar-se a roza da illusão  
 Entre os dedos febris d'essa lendaria mão...  
 Que dia aquelle! Ardente o ceo azul queimava  
 Os olhos e a atmosphera era feita de lava.  
 As arvores do parque immoveis. A tua alma  
 Abrazada tambem n'uma terrivel calma.  
 Ambos mudos. Mas n'isto ao fim do bosque, incertos,  
 Nós vimos oscillar dois guardasoes abertos...  
 Dêste um pulo. «Traição!» Um indicio tão vago...  
 Um guardasol... O diabo era que o tinhas pago!  
 Pois bem. Os guardasoes amavam-se. Deixál-os.  
 Tu podias ir lá, furioso, assassinal-os...  
 Fazias mal. O sangue é um calmante velho,  
 Mas deixa eternamente um reflexo vermelho  
 Sobre as coisas que o olhar d'ahi por diante vê...  
 Andaste heroicamente em perdoar-lhes, crê.  
 Tu bem sabes que o tempo é quem nos vinga. A fera  
 Antes de acometter aguça a garra e espera.  
 Esquece a infame. Espera. E enquanto esperas, ri!  
 Talvez que um dia nós ao voltarmos ali,  
 Recordando a traição vilissima d'outróra,  
 Mergulhados na luz d'um sanguinea aurora,  
 Vejamos desfilar ao nosso olhar sereno  
 Os mesmos guardasoes e um guardasol pequeno!

RUY PARDO.



E. S.

Il importe d'ailleurs fort peu  
que la raison de cette dédicace  
soit comprise.

Baudelaire.

A Lua, que é o capricho em pessoa, espreitou pela janella, uma occasião em que dormias no teu berçosinho, e disse para consigo: «Agrada-me esta creança.»

E então, desceu vagarosamente a sua escadaria de nuvens e escoou-se silenciosa através da vidraça. Depois, inclinou-se para ti, com a ternura infinita de uma boa mãe, e imprimiu-te na face as suas côres. Tuas pupillas ficaram verdes, e empalideceu extraordinariamente a tua face. De contemplarem essa phantastica aparição, adquiriram teus olhos uma grandeza estranha; e a sua mão apertou-te a garganta com tal ternura, que ficaste para sempre com vontade de chorar.

Entretanto, na sua expansão jubilosa, a Lua fluctuava em torno ao teu berço, semelhante a uma atmosphera phosphorescente, a um veneno luminoso; e essa luz, onde palpitava uma existencia, pensava e dizia assim: «Tu soffrerás eternamente a influencia do meu beijo. Serás bella a meu modo. Amarás o que eu amo e o que me ama: a agua, as nuvens, o silencio e a noite; o mar immenso e verde; a agua informe e multiforme; o lugar onde te não sentires; o amante que não conheceres; as flores monstruosas; os perfumes que fazem delirar; os gatos que enlanguecem em cima dos pianos, e que suspiram como as mulheres, n'uma entoação rouca e dôce!

«E serás amada pelos meus amantes, requestada pelos meus cortejãos. Serás a rainha dos homens de olhos verdés, d'esses a quem eu tambem comprimi a garganta, nas minhas caricias nocturnas; d'esses que amam o mar, o mar immenso, tumultuoso e verde, a agua informe e multiforme, o lugar onde não estão, a mulher que não conhecem, as flores sinistras que se assemelham a thuribulos de uma religião desconhecida, as essencias que perturbam a vontade, e os animaes selvagens e voluptuosos que são o emblema da sua loucura.»

E é por isso, maldita creança idolatrada, que eu estou agora a teus pés, buscando em todo o teu ser o reflexo da terrivel Divindade, da fatidica madrinha, do seio que envenena todos os lunaticos.

Baudelaire.

Trad. de:— Narciso de Lacerda.

# Eduardo Coelho

José Eduardo Coelho, fallecido na noite de terça feira ultima, era natural de Coimbra e filho de D. Francisca do Carmo Coelho e de João Gaspar Coelho.

Nascera em 1835 e estreiará-se no jornalismo em 1854 entrando para o *Jardim Litterario*. Colaborou ainda nos jornaes o *Nacional* e na *Chronica dos Theatros* de que foi por muitos annos redactor principal, no *Conservador* e na *Revolução de Setembro*.

Em 1865 fundou com Thomaz Quintino Antunes, hoje visconde de S. Marçal, o *Diario de Noticias*, o mais popnlar e o mais prospero jornal portuguez.

Foi o fundadôr da imprensa barata em Portugal e esse é com certeza o maior serviço prestado durante a sua longa vida de trabalho, ao paiz.

Eduardo Coelho era socio da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, da *Sociedade de Geographia de Bordeaux*, membro do Congresso Internacional de Paris, da *Associação dos homens de lettas* e dos *Artistas* de Madrid, do *Instituto de Ensino Livre* de Valladolid, etc.

Foi agraciado pelo governo hespanhol com a commenda de Izabel a Catholica, que recusou. Era commendadôr de S. Thiago; e o governo francez agraciara-o com o grau de official da academia.

Escreveu dramas, comedias, livros de viagem, contos e narrativas, quasi todos compendiados em volume.

Foi um verdadeiro trabalhadôr, luctando dia a dia por elevar-se, por abrir caminho, por tomar nome na pleiade dos escriptores contemporaneos, jornalistas e homens de lettras.

Tudo o que foi e o que conseguiu, deveu-o ao trabalho honrado. A posição alcançada glorificara-lhe a lucta. A fortuna tão ingrata, em geral, para todos os que entre nós cultivam as lettras e fazem d'ellas o objecto dos seus estudos e canceiras, deu-lhe o braço amigo e foi assim que da pobreza onde nascera se encontrou na abundancia, tão excepcionalmente socia dos plumitivos lusos.

Esta fortuna sabia elle empregar, em bem, honra lhe seja. Na fundação da *Sociedade dos Jornalistas*, dispendeu grossas sommas, infelizmente, com uma inutilidade lamentavel.

Deve-se-lhe o ter corrido poderosamente para a execução das festas do Centenario de Camões, a mais brilhante manifestação civica que entre nós se tem feito, a mais elevada, a mais honrosa.

Fechou com chave de ouro a sua gloriosa carreira jornalística. O ultimo artigo que escreveu para o seu *Diario de Noticias* foi o que este jornal publicou no dia 13 do corrente, sob o titulo — *Os principios de 1789* — em que Eduardo Coelho, com o seu nobre enthusiasmo por todas as causas grandes, explanava os fundamentos da proclamação dos «Direitos do Homem».

Foi liberal. Acampanhou Antonio Augusto de Aguiar, na propaganda tenaz em favôr da industria portugueza.

Foi trabalhadôr, honrado e valedôr.

Amou os seus e empregou quanto poude em beneficio das boas causas nacionaes as suas aptidões e esforços. Taes são os titulos que o recommendavam no jornalismo portuguez, taes são, ainda, os que lhe abrem um logar na galeria dos que passam e a quem a *Comedia Portugueza* presta, justa, a ultima homenagem.



Depara-se-me a noticia de que o sr. Albuquerque Barba escreveu, em verso, e destinava ao theatro de D. Maria II, um drama historico *O Dote de Sangue*.

Mas que—segundo a phrase do collega que noticiou tal facto,—por uma extraordinaria coincidencia é de crêr que já lá não possa ser representado.

Acontece, diz ainda o collega, que o drama do sr. Marcelino Mesquita,—*Leonor Telles*—, que está em ensaios, versa precisamente sobre o mesmo assumpto.

Não percebo a coincidencia, como não percebo a razão porque não ha-de ir o drama do sr. Barba, em D. Maria.

A escolha do mesmo assumpto nada significa. Mesmo como estudo historico dos mesmos factos, costumes, caracteres, os auctores pôdem divergir completamente.

Ha um visconde que escreveu a—*Moura da Rainha*—, drama extraordinario, da mesma época, que faz de D. Leonor, a Lucrecia Borgia portugueza, como lhe chama Herculano, uma boa senhora cheia de virtudes e de bondad!

E sabem a razão que dá o bondoso titular dramaturgo? E' que D. Leonor já morreu ha muito tempo e não é nobre ir remechar as cinzas dos mortos, para dizer mal d'elles.

Devem confessar que a razão é de um visconde-litterato. Não confundir com litterato visconde que faz grande differença.

Quem sabe se por motivos e razões de mais alta valia, o sr. Albuquerque Barba discrepa na concepção dos caracteres, ou no quer que seja, da minha humilde pessoa. E que não; que tenhamos as mesmas opiniões, resta ainda ao sr. Barba, a fôrma, o verso, a maneira, e todos os attributos por que um auctor impõe a sua individualidade e o seu talento.

Por isso não percebendo de modo algum a coincidencia, inda menos percebo porque sua excellencia hesita em confiar ao theatro o seu trabalho.





Sahiu da Penitenciaria um sujeito de 75 annos, satisfeita a pena de dois annos de prisão a que fôra condemnado, pelo crime de estupro n'uma creança de oito annos!

O bruto, porém, cegou na prisão. E d'aqui se vê como ás vezes a providencia ou o acaso, se encarrega de corrigir a réles e comica justiça humana.

Dois annos de prisão! Aquelles bandalhos do jury não tinham filhas!

Ao mesmo tempo, ha poucos dias, a camara ingleza acaba de approvar por 195 votos contra 140 a proposta que restabelece o açoite, para os individuos auctores de attentados graves contra as mulheres e contra as creanças!

Funcionará pois de novo, nas mãos d'um Calcraft qual-quer, o chicote de nove pontas, ou como os inglezes lhe chamam o *cat-of-nine-tails*.

E' barbaro é, dizemos nós, as sensitivas do meio-dia; mas é mais positivo e mais energico.

E' que os povos do norte fiam-se menos na providencia, que se ás vezes cega os malandros presos, no maior numero de casos fal-os sahir ainda com os olhos mais abertos.

Voto pelo gato inglez.



Falla-se muito nos versos de Tolentino, no 7.º tomo das obras de Bocage, e nas cócegas, como provocadores certos da gargalhada.

E' preciso addicionar a estes desopilantes os discursos do sr. Oliveira Mattos, deputado progressista, que Deus conserve muitos annos, para gaudio das galerias e para justificação dos versos da opereta.

Fallou sua excellencia, sobre varias questões graves. Um collega dá-nos extractos primorosos que não resistimos á tentação de transcrever :

Sobre a questão dos 441 contos :

«Isto é uma questão morta, continuava o sr. Oliveira Mattos, não é só morta, está decomposta; já ninguem a quer acompanhar á valla. Tapam o nariz e vão-se embora !



«Trouxe para o assumpto Shakespeare, Desdémoma, o diabo, que o sr. Arroyo tambem é musico, e muito bom musico. Quiz ver a outra metade, pois mostrava-se-lhe toda, e podia apalpa-la... Porque não veio tambem o *dó, ré, mi* ?»

E gesticulava, e mostrava que os ministros não pdiamo metter as mãos nas arcas do Thesouro, e estendia elle as mãos para representar o acto,



e ia levando comsigo a cabeça de um visinho, e o riso era tal que nunca o houve assim nem em S. Bento, nem no Gymnasio, nem no Colyseu. Era perfeitamente uma loucura de gargalhadas, um delirio. Saía-se com dôres de cabeça! E, quando já todos imaginavam que não havia meio de rir mais, sae-se ainda elle com esta que foi o remate do seu discurso, e que ia positivamente fazendo estoirar a camara.

«— Os ministros agarrarem-se á outra metade ? Isso agarraram. Agarraram-se ás suas caras metades, os que são casados. Só quem não tem a quem se agarre é o sr. ministro da guerra!»



A este final que foi estupendo ninguem resistiu. Chegou a haver talvez quem se rebolasse pelo chão. Primeiro que se conseguisse restabelecer o silencio, passou-se talvez um quarto de hora. Que extraordinaria scena !



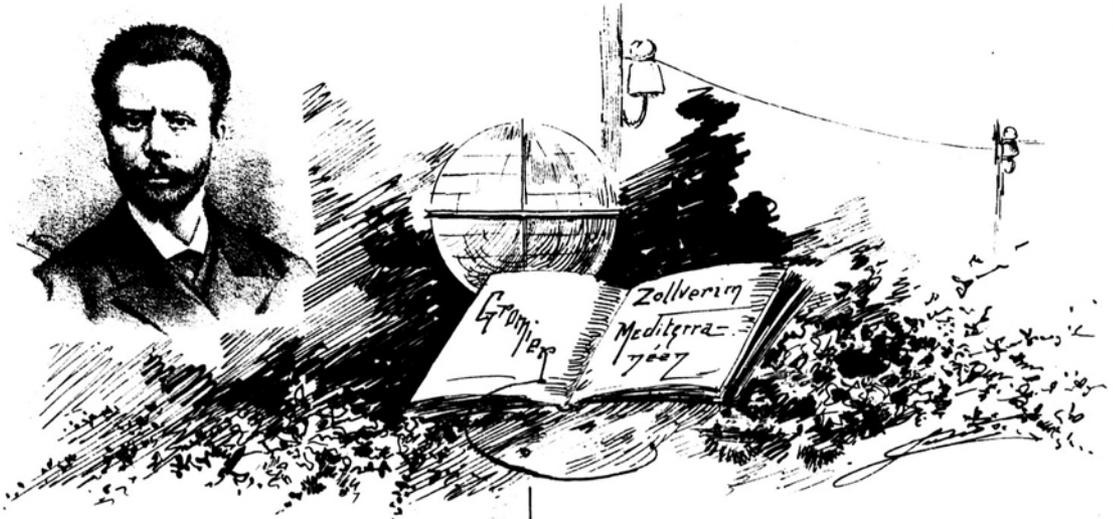


Rafael Gamero

Isaacson Guezo  
segundo na fotografia recente  
de Eduardo Guezo Junior



## M. A. GROMIER



Offerecemos n'este logar aos no-sos leitores o retrato de um dos homens mais illustres da França actual, de um dos maiores exemplos d'energia do nosso tempo — Marc-Amadeé Gromier. N'estes ultimos vinte annos elle occupa o primeiro logar entre os que mais tem trabalhado em prol da união dos povos latinos a que temos a honra de pertencer.

Fundador da *Alliança Greco-Latina* e da *União Mediterranea*, ou *Zollverein Mediterraneo*, tem posto ao serviço da nobillissima causa todo o seu ardente entusiasmo de jornalista, a sua profunda erudição d'escriptor distincto e finalmente a sua palavra vehemente e apaixonada.

O grande luctador caminha ha mais de vinte annos ovante, cheio de fé e esperanza, prégando como um Pedro Ermita a sancta crusada da paz e da união dos povo da nossa raça. Como auxiliares da sua obra tem podido contar com as maiores summiçades politicas, litterarias, scientificas e artisticas das nações latinas: muitas d'essas glorias são já mortos illustres; outras continuam sendo o orgulho da nossa raça.

Com Gromier tem cooperado Felix Piat, Marzini, Nerestant, Bernasconi, Ledru Rollin, Cossuth, Luiz Blanc, Victor Hugo, Emilio Castellar, Henri Candreau, Ernest Milot, Eschenaver, Coint Bavarot, Ruiz Zorrila, Charles Bayle, Paul Vibert, Pierre Granet, Allieri di Sostegno, Fernando de Lesseps, Charles Soller, Freycinet, Charles Floquet, Carnot e tantos outros: um verdadeiro mundo de luz! Publicistas, politicos, professores, todas as potencias intellectuacs no vastissimo campo da sciencia, da litteratura e da arte postas ao serviço do grandioso e sympathico pensamento do iniciador da *União Mediterranea*.

As consequencias de um tal emprehendimento viu-as a toda a luz o grande orador da peninsula, Emilio Castellar, quando inscreveu na bandeira de paz, hasteada pelo benemerito fundador, estas memoraveis palavras: «*Accordo entre os povos, helleno-latinos primeiramente; alliança depois; mais tarde o Zollverein Mediterraneo e por ultimo confederacão ou triumphal entrada nos Estados Unidos da futura Europa*».

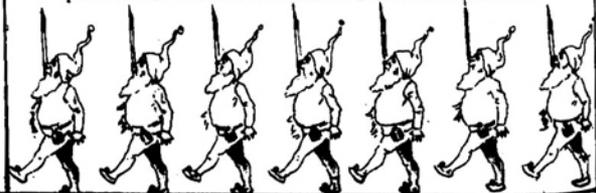
E é certo que o que ha vinte annos pareceria uma utopia vai começando a transformar-se n'uma realidade; e crêmos firmemente que assim como Frederico List, o pai do *Zollverein Alemão*, o unico e principal auctor da *União Germanica* actual, poude ver ainda realisada parte da sua obra, depois habil e opportunmente aproveitada por Bismarck, assim tambem Gromier podera ver coroados do melhor exito os seus esforços, realisando-se a união dos povos latinos.

As vantagens commerciaes, economicas e politicas que d'ahi hão de resultar evidenciam-se d'esde ha muito a todos os que se dedicam ao estudo dos phenomenos que podem produzir-se para o futuro melhoramento da nossa raça.

A propaganda está feita. Começa o periodo pratico; e que assim é, vemol-o com enormissima satisfacão, sabendo que a *União Mediterranea* vai fazer-se representar na Exposição Universal de 1889, onde foi admittida sob o n.º 64 da 3.ª secção d'*Economia social*.

Este facto, alem de demonstrar que o fundador da *União* não é apenas um theorico sublime, é o reconhecimento solemne da importancia pratica da *União*, um movimento necessario do progresso, impondo-se ás consciencias de todos os que vêem chegada a hora de contrabalançar com o estabelecimento definitivo do *Zollverein Mediterraneo* a crescente e temerosa influencia do *Zollverein Germanico*, já hoje a quarta potencia commercial do mundo, a terceira da Europa e a segunda do continente enropeu, no dizer d'um publicista notavel.

Gloria, pois, ao perseverante propagandista da *União dos povos helleno-latinos* e fundador do *Zollverein Mediterraneo*!





Realizou-se na Trindade o beneficio de Cinira Polonio, a distincta actriz brasileira.

A beneficiada recebeu inumeros brindes de grande valor artistico e formosissimas corbeilles, cestos, ramos de magnificas flores.

No final dos actos teve grande numero de chamadas, houve delirios de palmas e cahiram (estava de vôr) poezias delirantes, sobre os chapéus de côco dos espectadores.

Tudo merece a gentil e intelligente cantora, que segundo consta nos vai deixar.

Não admira. Na Trindade, ha a preocupação de regositar todos os cantores que tenham voz.

Cinira Polonio canta deliciosamente o *couplet* e distinctamente a opereta. Não admira que saia.

A *Comedia Portugueza* saúda a gentil artista pela sua festa, á altura do seu incontestavel merecimento.



### A PRIMAVERA

Recebemos o formoso poemeto de João Saraiva, com este titulo. Agradecemos ao distincto poeta a sua delicada oferta.

O sr. Antonio Galvão da Povoia de Varzim, foi um dos ingenuos, dos raros em todo o caso, que se dirigiu ao consultorio do celebre Dr. Dás, em Madrid, para procurar na sciencia do applaudido senhor o remedio para seus males.

Das tribulações e mais casos que Galvão, o triste e sem ventura, passou por essas partes de Hespanha, sob a vigilancia do tal doutor, reza elle no *Diario de Noticias* em fraze lamurienta e sentida.

O bom homem declara-nos sem rebuço, que o celebre instituto é nada menos do que uma casa de batota, adjuncta a um covil de ladrões.

Ora aqui está uma revellação que deve encher de prurido scientifico o Dr. May Figueira, o caudatario comico, do ignorantissimo senhor conde Dás.

Onde vão naufragar todos as carecas sapientissimas dos nossos sabios.

O fiasco cresce!



### JOSÉ JOAQUIM PEIXINHO

E' amanhã, em Villa Franca, a festa tauromachica d'este excellente rapaz, um dos primeiros toureadores portuguezes. A *Comedia Portugueza* não faltará, e no proximo numero dará de sua justiça.



### Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que já estão nas estações do correio das suas localidades, ou das mais proximas, os recibos das suas assignaturas, relativos ao 2.º semestre uns, e outros ao 3.º trimestre do primeiro anno da — *Comedia Portugueza*.

Pedimo-lhes portanto o favor da brevidade no respectivo pagamento, não só para a boa regularidade do nosso expediente administrativo, como para que não soffram interrupção na remessa do jornal.

# AVES DE ARRIBAÇÃO

Alguns dados para servirem c.º guia aos portuguezes que se aventurem ao mar largo da Exposição de Paris.



## Alleana :

Loura, muito loura e muito branca. Placida no andar. O olhar verde, como o Baltico. Desconfiar da placidez. Não pede asia e exige tudo. Um pouco nebulosa, sonhadora. Amor cheio de metaphisica... postivva.



## Inglesa :

Alta, loura e magra. Uma magreza distincta, um louro fulvo de espiga. Brusca na apparencia. Branca como o linho. Um flôco de gelo que aquece á temperatura do cubro-cereja, no calculo. Nada recusa. So'mma e... segue.



## Hollandesa :

Bella côr, rechonchuda, sadia. Amôres socegados, muita ordem e muito accio. Propria para conselheiro, ou lavradôr de provincia, endinheirado. Recebe com muita civilidade e de touca.



## Espanhola :

E' inutil descrevel-a. Uma viola, uma noite de luar, um copo de manzanilha... rico ou pobre, bello ou feio, tolo ou sabio... viva a graça e viva o amôr!

(Continúa).



Evora acaba de receber em seu seio, como se diz gentilmente em locaes de periodico, as augustas pessoas dos nossos monarchas. Cobriu-se de galas, de festas, de ruidos alegres, sollicita como a amante do Evangelho, que accende a lampada para esperar o Esposo. Entre todas as dedicações locaes sobre-sae a do dr. Barahona, recebendo principescamenta Suas Magestades e trocando graciosamente, segundo é fama, um marquezado, por uma parelha de cavallos d'Alter.

# Canções



A's vezes temos as nossas veleidades politicas. Queremos dar-nos ares de povo que se importa com as coisas sérias, e n'um momento de mais fogo atiramo-nos á lucta,

Como entre os povos em que existe a consciencia politica se usa fazerem-se em plena praça assembleas populares, onde se discutam os actos governativos e se entre assim indirectamente na acção dirigente dos governos, embrenhamo-nos tambem por essa vereda escabrosa do meeting, d'onde até hoje temos tirado apenas

o resultado (já escusado) de assentar empiricamente, que na lucta da costella alfacinha, com o sabre municipal, a victoria pertence indubitavelmente ao sabre.

O nosso temperamento não nos permite a arenga placida e fria, onde o ouvido d'um commissario, sempre desconfiado, não possa descobrir o insulto ás instituições e á ordem.

Os homens mais brandos, perdem no calor da fraze a continencia, atiram á margem os principios scientificos de que fazem gaia e vida, e sobre o estrado de pinho da terra, d'onde as cabeças dos curiosos os contemplam, mergulham no mar proceloso dos tropos, dos aphorismos audazes, dos corollarios cortantes, e eil-os, radiosos de gloria, desbravando o caminho ingrato da aura popular, e expondo egoistamente as orelhas dos circumstantes aos gumes mais cortantes ginda das espadas policiaes.

E tanto é assim que o dr. Maia, que na vida pratica é um homeopata, isto é, o homem das doses minimas, extremamente moderadas, quasi metaphisicas á força de subtis, perante a patria em perigo e um auditorio em extase, manda ao diabo theorias e therapeuticas, e receita doses toxicas de uma energia tal, força e qua.tidade, que a Ordem houve por bem mrdal-o reformar a receita nos carceres do governo civil.

Quanto aos clientes, que esperavam da palavra do douctor o remedio dos males seus e da patria, entrou-lhes pela pelle a convicção de que perante uma receita medica, a unica grande resolução a tomar, é fugir!

Porque, quer essa receita tenda a curar uma doença economica em que perigue a patria, quer se dê ares de prevenir a invasão d'um

morbus em que a saude periclite, o que está sempre gravemente ameaçado é o costado do cidadão.

Já é sinal!

Assim pois, no comicio ultimo, o argumento mais poderoso foi a cutilada!

Deante d'elle, ouvintes, meza presidencial, tudo debandou!

E dizem que a nossa policia é estúpida, como uma porta, ella que tira da algeibra esquerda do casaco, razões, como não é capaz de tirar da sua cabeça de phylosopho o sr. Theophilo Braga. Viu-se.



Como todos sabem, Suas Magestades foram passeiar a Evora-cidade, como antigamente se dizia.

A cidade caiu-se, limpou-se, engrinaldouse para as receber.

Que nos contassem os jornaes, não houve na entrada das portas o longo discurso do alcaide com a entrega das chaves. Lá dentro, porém, esperava-os o maior tormento.

Todas as manifestações d'alegria que um povo commovido pôde lembrar-se de patentear aos seus reis, o fogo d'artificio, a récita, a tourada, o passeio, as distribuições de premios, as visitas aos monumentos, aos hospitaes, tudo Suas Magestades tiveram de supportar com um bom humor que só são capazes de sustentar perante horas de monumentaes estopadas, os reis e os mortos!

Não faltou, porém, a lóa. Ha sempre as camponezas vestidas de branco; as meninas que na passagem recitam versos apropriados.

Fizeram-nos profunda impressão, alguns dos que a fama transmittiu até nós.

O leitor vai admirar estas duas quadras:

A vossos pés, oh, pomba de belleza  
O povo da cidade vos bemsid,  
Accetae os p'rabens e a certeza,  
Que só vos desejamos bem feliz.



Sua Magestade devia ter accettato estes *p'rabens*, mas francamente devia ter-lhe custado a perceber a qualidade do presente.

Esta segunda ainda é melhor:

Oh, Fada de bondade seductora,  
Oh, mãe tão desvellada e boa e fina,  
Accetae, pois, d'esta pobre menina,  
Um intimo sincero, e puro *Embora*.

Este *Embora* em italico leva agua no bico, ou então é homenagem a sua magestade a rainha por ser italiana.

Parece uma despedida encapotada, não é verdade?

Mandar um *embora* a uma senhora que nos faz a honra da sua visita, não é mas parece uma graciosa insidia.

O que porém ha a admirar n'estes bellos versos é a espontaneidade, o vigor com que são escriptos, a profunda impressão que revellam.

Eu, se fosse a sua magestade a rainha, beijava affectuosamente a pequenina saudadora e mandava condecorar o poeta... com a medalha do algarismo g de comportamento exemplar. Sim, porque um homem que escreve com esta ingenuidade a prosa, imaginando-a verso, por não chegar ao fim da linha do almeço, deve ser por força — uma boa pessoa, bem comportado e amigo da familia.

Pobres reis viajantes! Como elles lá no fundo hão de rir, n'uma destorra justa, do enthusiasmo dos subditos!



Felizmente não houve d'esta vez ainda sangue derramado, a não ser o do comicio.

Na pendencia de honra entre o sr. Franco Castello Branco e o sr. Correia de Barros chegou-se, como sempre, á conclusão de que não havia intenções injuriosas, de parte a parte. O que é curioso n'estes nossos duellos, que estão para ser, é a falta de conhecimento da lingua patria, que leva continuamente toda a gente a lér o que não está escripto e a tirar conclusões falsas. D'ahi resulta que o duello em Portugal é uma especie de M.<sup>me</sup> Benoiton, que nunca apparece, fazendo-se annunciar a cada momento.

Antes assim, senão teriamos continuamente de cultivar o necrologio, a explorar o sentimentalismo indigena, o que nos daria o ar d'uma carpideira mercenaria.

O que pedimos porém é um pouco mais de analyse grammatical applicada aos periodos e um dictionario á mão para os significados. E' menos espalhafatoso mas é mais simples.



Chegou ao parlamento, como era de vêr, o protesto dos atropellados no *meeting* da Torrinha. A indignação dos espancados fôi, como era natural, cahir no seio da representação nacional.

Na camara dos deputados o sr. Consiglieri Pedroso apresentou o protesto. Perguntou se o sr. presidente estava em sitio onde pudesse ser chamado!

É extraordinaria a pergunta, mas enfim foi se ao telephone, fallou-se para Evora, sitio onde toda a gente pode ir, e sua excellencia disse que não podia chegar á hora da sessão, não porque não estivesse visivel, mas porque o afastavam da capital uns pares de leguas.

Posto isto, desistiu-se de o ouvir, e o sr. Beirão respondeu que a auctoridade tinha feito muito bem... por que sim!

N'isto levantou-se uma victima, de fita de seda enrolada nos dedos da mão direita, a voz pausada e grave, pedindo vingança aos ceus, como na *Doida de Albano*.



O sr. Pinto dos Santos contou tudo e mostrou como nem já ha n'este paiz, com este governo, o direito de ouvir. Fôra soccado, empurrado, defendera-se, fôra preso e ficara ferido, porque ouvia. É triste!

O sr. Navarro clama que está ao lado da ordem, porque sempre esteve, porque ama a ordem, porque é da ordem, e que foi bem feito, que não fosse lá que já não lhe tinha acontecido aquillo. E com arreganho propõe a moção de confiança. Todos gostaram muito. Levanta-se o sr. Lopo Vaz, que atacou o governo e se admirou porque tendo o sr. Luciano comprometido a coroa por varias vezes com as suas declarações, a policia não prendia o governo nem o dissolvia.

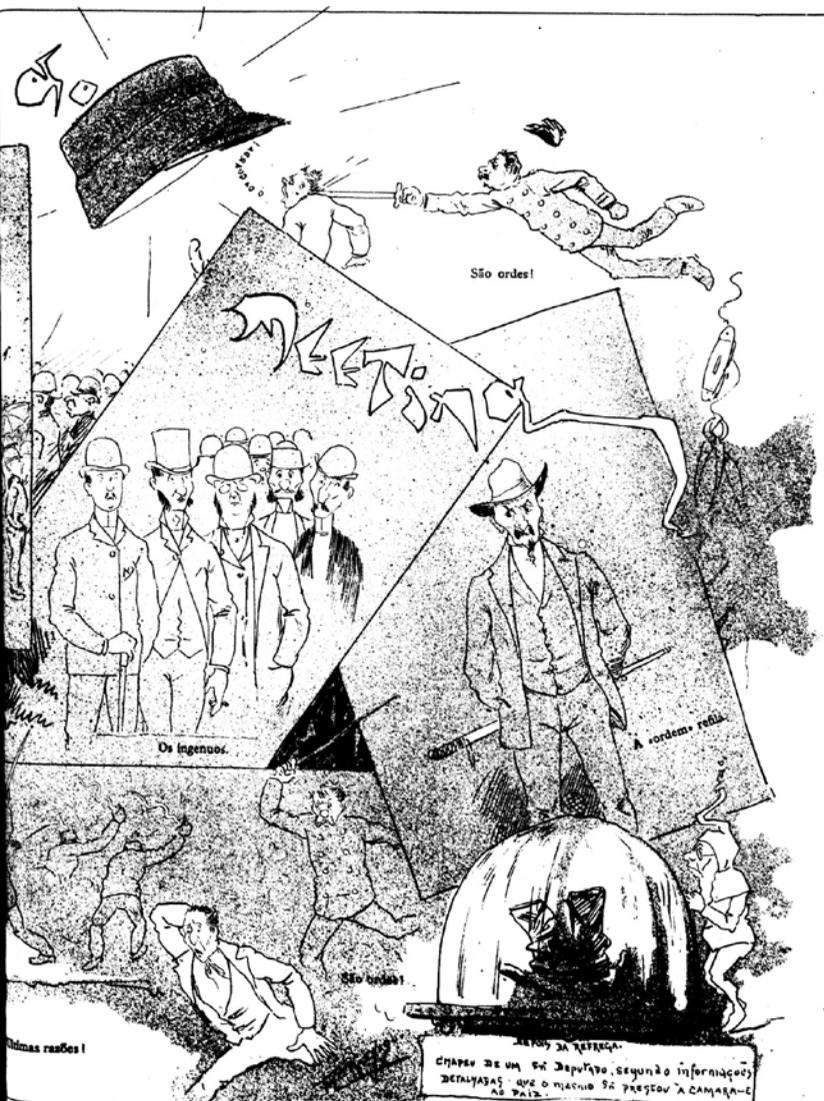


Rhetorica indignada.



Censura oficial.

—UMA VEZ QUE NÃO CONSEGUI BEBER-MEUS OSANQUE...



São orden!

Os Ingenooz.

A ordem real!

SÃO ORDEN!

Últimas razões!

RETRÓSCA.  
 CHAPIN DE UM SR. DEPUTADO, SEGUNDO INFORMAÇÕES  
 DETALHADAS QUE O MICHÊ DA PRESTOU A CAMARÃO-E  
 AO PAIZ.

Ergue-se o sr. Marianno de Carvalho, sorridente de rir chinês, defendendo galhofeiro o senhor presidente do conselho. Acha extraordinario que se censure a policia quando se defendia dos cidadãos que a atacavam com suaves pedras e brandos cacetes!

Estas imagens impressionaram muito a assembléa; algumas senhoras, na galeria, choraram commovidas.

Notou-se que enquanto fallava, o sr. Marianno não tirava os olhos da ligadura preta, da mão do sr. Pinto dos Santos, e sorria finoriamente. Só eu, talvez, podia perceber a significação do olhar e do riso. O riso queria dizer: não me enganas, caro mutilado. Já uma vez, quando foi do meu duello de Bemfica, em que fui corrido á pedra, entrapei a cabeça do dedo minimo para armar ao effeito, e sabes o resultado? No dia seguinte os rapazes desenharam na lousa da aula de astronomia, dois combatentes, a giz, a um dos quaes cahia decepado, por golpe terrivel, um dedo minimo, d'um tamanho descommunal.

Era um dedo maximo! Foi um duplo fiasco.

Tem graça.

N'isto o sr. Carrilho requer que seja prolongada a sessão até se votar o incidente. E' approvedo o requerimento; a opposição faz grande barulho, a sessão fecha-se.

Reaberta, o sr. Castello Branco reclama contra a votação anterior, feita no meio d'essa jogralidade indecente! E' forte, diz-se. Gritos de Ordem. A Ordem chegou com grande alegria do sr. Navarro. O orador termina o seu discurso. A opposição regeneradora abandonou a sala!

O que irá succeder? Quando uma opposição sahe d'um parlamento, é licito suppor que não entrará alli mais senão pela revolução, ou nunca.

O que iriam pois fazer os eleitos? como justificariam perante o paiz aquella resolução suprema?

Foram jantar! e no outro dia lá estavam, nos seus logares! O que elles tinham era fome, fraqueza, aquillo das sessões... massa.



Na camara dos pares a discussão travou-se com largueza. O sr. Vaz Preto protestou contra a pancadaria e contra a dissolução do *meeting*, exigindo que o sr. José Luciano leia para alli tudo o que dizem as informações officiaes, o relatório do commissario geral.

Sua Ex.<sup>a</sup> recusa-se. Varios pares apoiam. Mas porque não havia de lêr? Então a leitura de phrases, porque vão ferir El-Rei, citadas como corpo de delicto, têm significação offensiva, ditas n'um tribunal que deve ter conhecimento d'essas phrases, para formar juizo claro acerca d'uma medida policial de responsabilidade do governo?

Que subtiliza de juizos não possui a camara dos nossos pares.

O caso é que o sr. Luciano de Castro saltou por cima d'essas phrases, apesar da indignação do sr. Vaz Preto, que se fazia branco de cólera.

Este ultimo senhor tem a palavra e sustenta que não se podem prohibir *meetings* só porque se preferiram injurias, porque assim não haveria comicio possivel.

Sua Ex.<sup>a</sup> queria talvez dizer:—porque n'esse caso já se devia ter fechado ha muito o parlamento, com a competente data de sabre.



Não? Acontece, porém, que S. Ex.<sup>a</sup> d'ahi a cinco minutos, sustenta que o *meeting* fóra combinado para protestar contra um acto indecoroso do governo que elle, par, não pôde deixar de classificar de roubó industrioso, de que o sr. José Luciano é cumplice.

Percebe-se pois a opinião de S. Ex.<sup>a</sup> sobre a dissolução dos *meetings*!

Responde-lhe o sr. Henrique de Macedo, velando sollicito pelo desvio da camara, e exprobando ao sr. Vaz Preto a cruzada da phrase.

Na galeria um gracioso commenta:

—«Aquelle sugcito está a fazer jus a outra Torre-Espada!»

Segue-se a fallar o sr. Visconde Moreira de Rei, que lamenta que a sova fosse tão pequena. Como se vê, o illustre par é, n'esta questão, da opinião do sr. Marianno de Carvalho, que tambem acha que em o publico se persuadindo que tem, em cada *meeting*, uma data de pancadaria, se ha de convenecer de que é tolice o ir lá, e estão mortos os protestos em publico.

Que amigos para o inverno que vem!



O sr. Pereira Dias lamenta as desgraças do deputado Pinto, ferido na batalha, sendo de opinião que não tivesse lá ido visto não ser republicano. Sua excellencia esqueceu-lhe pedir para justificar a entrada no recinto, a certidão de idade e o attestado de não padecer doença contagiosa! Chega a fazer febre o senso dos pais da patria.

Segue-se Thomaz Ribeiro, que pede ao sr. Luciano que diga alguma coisa, que falle: sua excellencia levanta-se e declara que bem quizera dizer «algo» de novo mas que o não sabe.

O leitor já previa a resposta antes de eu a dizer. Este nobre presidente é a anthithese européa de D. Pedro II. do Brazil.

Este, nunca lhe disseram coisa alguma a que elle não respondesse — já sei, já sei: o nosso presidente, ninguem lhe fez uma pergunta a que elle respondesse outra coisa que não fosse: — nada sei! não sei nada! A ingenuidade em pessoas.

Falla o sr. conde de Castro, defende o governo com a razão de que em tempos de Avila—o pacifico—que Deus haja, inermes e pacatos passeiantes foram acutilhados. Que n'essas occasiões a força não vê em quem dá.

E' uma consolação quebrarem-nos uma castella, porque já no tempo do pachorrante duque houve quem as tivesse partidas sendo tão socagado como nós!

E' uma consolação, e como justificação do acto não a pode haver mais convincente.

Toma a palavra, por ultimo, o sr. Barjona de Freitas que nos pareceu o mais sensato e justo dos oradores.

Exige a protecção ao direito de reunião, pede a ausencia da força, do local, por provocadora da desordem e inutil, pede para essas reuniões a tolerancia que se não dispensa ás assembléas compostas de homens illustrados, que se excedem como todos, tolerancia que alcança os abusos da imprensa tão vulgares e tão tolerados.

Um governo deve sustentar a ordem e não provocal-a. Regeita a moção de confiança ao governo, proposta pelo sr. Henrique de Macedo e fecha o debate.

A moção é votada e o governo fica illibado. Inda bem. Estavamos com receio d'um cheque!



**D. Maria II.** — Representou-se n'este theatro a comedia em tres actos — *A Felicidade conjugal* — traducção descuidada da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torreção.

Se fallamos na comedia não é porque ella mereça as honras da critica, nem porque o desempenho se tenha imposto como digno de elogios. Qualquer das coisas — comedia e desempenho — não estão á altura do theatro de D. Maria II, e melhor é calar a nossa opinião, que teria de ser desagradavel, desagrado que provocaria despeitos que não vale á pena despertar em questão de tão pouca monta.

Fallamos apenas, para saudar o apparecimento d'uma debutante, a sr.<sup>a</sup> Augusta Bresd'lind, que revellou bellos dotes scenicos, muito sangue frio, perfeita dicção e comprehensão clara do papel.

Parece uma boa figura para a scena.

Com todos estes dotes, parece-nos que a empresa do theatro não deve deixar de a escripturar, porque julgamos de todo o ponto uma vantajosa acquisição.



**Gymnasio.** — O Gymnasio deu-nos em primeira representação os *Alfacinhas na Provincia*. O que ha a ver em toda a comedia é o esplendido desempenho de Valle, sempre correcto, e cheio de verdadeira graça.

A comedia faz rir: é o que a empresa do Gymnasio pretende, conhecendo o gosto dos frequentadores.

E' o melhor reclame para as comedias de «charge».



No theatro do Principe Real, alguns amigos de Antonio Pedro promovem, em beneficio do grande actor, na noite de 28 do corrente, uma récita, com o concurso de varios collegas. E' mais um preito de subida consideração ao merito de Antonio Pedro, cujos exceptionaes dotes de actor o peiz inteiro conhece.

Associamo-nos do coração á briosa homenagem e recommendamos com todas as forças esta festa tão levantada e tão usta.



### CARTAS AO AR LIVRE

E' este o titulo geral de uma publicação, que tivemos a honra de receber, e cujo assumpto é uma — *Carta a El rei* — a respeito da — *Solução da Crise* — assignada por João Fernandes, pseudonymo que encobre o nome de um advogado distinctissimo, deputado da actual maioria-parlamentar.

O pamphleto que, com os titulos acima indicados, se publicou ha dias, é escripto com muita graça e opulencia d'estylo, e encerra uma critica alegre e de todo o ponto justa ácerca de varios incidentes da nossa politica hodierna e d'alguns dos seus homens mais em evidencia. Entre estes é principalmente discutido o sr. Vicente Monteiro, na celebre questão epistolographica, que tanto prendeu a attenção publica durante alguns dias.

Agradecemos a offerta do exemplar com que o seu auctor nos brindou.





No domingo passado effectou-se em Villa Franca a tourada em beneficio de José Joaquim Peixinho. Tarde de festa, de entusiasmo e de apertões; porque o publico, para provar ao sympathico bandarilheiro a grande estima que lhe tem, encheu a praça litteralmente e de tal modo que os espectadores da sombra, talvez que por uma delicada attenção para com o nome do beneficiado, permitiram-se passar a tarde como *sardinha em canastra*—o que não obstou a que uma centena dos seus amigos tivesse de ficar nas trincheiras falsas. Sabendo-se que o gado era em geral saltador, facil será imaginarem que de peripicias e de trambulhões n'aquella tarde, á hora precisamente em que por cá a policia, para dispersar o publico d'um comicio, trinchava a fio de sabre cavalheiros mais ou menos respeitaveis.

Entretanto—e bom é que se saiba—ficou demonstrado que os touros da Companhia das Lezirias excedem em delicadeza os touros do sr. Moraes Sarmiento: — em Villa Franca conseguiram sempre varrer as trincheiras de modo que nem um unico espectador teve de lastimar a perda d'uma gotta do seu precioso sangue. Se o sr. Moraes Sarmiento se fornecesse da Companhia das Lezirias?... Aquí fica uma idéa!